

OS COMPOSITORES

22.03.1998

Iniciou seus passos no Impressionismo Maurice Ravel, que nasceu em 1875 e faleceu em 1937.

Mas logo afastou-se das vagas cores do impressionismo acompanhando a reação de Satie com talento e preparo bem superior. O próprio Satie o definiu: "Un Debussy plus épatant" (Um Debussy mais impressionante).

Se em Debussy a peça ainda parece se desenvolver conforme uma sensação sonora ou uma fantasia que tem quase gosto de improvisação (aquilo que os alemães definiriam *Durch Componieren*), em Ravel há sempre um programa formal prévio, que se completa com um precioso gosto do detalhe requintado, um detalhe por si, mas pontilha a lógica continuidade da estrutura. Poder-se-ia dizer que Ravel é um sólido arquiteto que completa as suas estruturas com um incansável trabalho de cinzel.

Depois da evanescência das harmonias impressionistas com suas dissonâncias suaves e tranquilamente entrelaçadas Ravel reencontra o gosto do acorde e da dissonância dura e fechada em si própria. Tal a afirmação do musicólogo italiano Mantelli.

Outro elemento determinante da música de Ravel é a cor espanhola que lhe deriva da sua qualidade de basco.

De fato Ravel nasceu em Saint Jean de Luz, cidade basca fronteira com a Espanha. É aquela região que conhecemos através dos Mosqueteiros de Gascogne de Alexandre Dumas; uma região de cultura toda própria e por muitos aspectos mais próxima das raízes espanholas do que do mundo francês.

Lembro-me de que a última vez que passei por lá via em todos os muros uma escrita quatro mais três. Perguntei o que significava e me foi respondido: quatro províncias bascas na Espanha e três na França. Isto não significa todavia que Ravel não seja também um francês racionalista formado no rigor do Conservatório de Paris. Extremamente curioso de todos os fenômenos musicais contemporâneos, Ravel não permaneceu insensível ao jazz e à música dos ciganos, componente tão forte da cultura espanhola. A respeito de jazz é interessante recordar que Gershwin foi procurar Ravel certo dia para dele receber aulas e que Ravel se negou a isto, dizendo que Gershwin devia continuar como estava, que estava perfeito.

A componente espanhola aparece desde a sua primeira composição, uma Habanera para voz vocalizante e piano que depois, instrumentada, entrou na Rapsódia Espanhola. Mas evidentemente não é a Espanha exuberante das cores mediterrâneas da Andaluzia mas uma Espanha mais sóbria e quase seca, mais próxima portanto da Espanha de De Falla do que da Espanha de Albeniz.

Ravel não foi um compositor precoce; aliás, a maior parte da sua produção foi escrita depois da Primeira Guerra Mundial, na qual Ravel serviu como auxiliar e motorista da Força Aérea . A primeira obra de grande culto é o ballet Daphnis et Chloé, uma música ainda expansiva, não desprovida de ponto de contato com o Impressionismo e com a exuberância do colorismo russo e sobretudo o de Rimsky-Korsakov. Esse ballet foi composto para a Companhia dos Ballets Russos de Diaghilev. A sua segunda suite que ouviremos agora com a orquestra Filarmônica de Berlim regida por Herbert von Karajan, é ambientada como a primeira na mítica Arcádia imaginada no poema de Dongo Sofista. Abre-se com uma cena de natureza, o levantar do sol, segue com uma dança em que os dois protagonistas mimam as figuras míticas de Pan e Sirina e termina num animado bacanal para as bodas dos mesmos.

Música: Daphnis et Chloé , Filarmônica de Berlim, Herbert von Karajan, duração 15'20".

De pouco posterior é a Pavane pour une Infante Defunte, originariamente escrita para o piano, mais tarde instrumentada .

A Pavane é uma antiga dança da Renascença revitalizada pouco antes de Ravel numa composição de Fauré. O seu nome se faz derivar ou do italiano padovana , (dança da região de Padova) ou do francês (paon-pavão) porque parece que na coreografia os dançarinos imitavam de alguma maneira a roda do pavão. A obra se inspira na infanta de Velazquez lembrando que infanta é a filha do monarca espanhol.

Música: Pavane pour une Infante Defunte, Filarmônica de Berlin, Karajan, duração 7'06".

A proximidade com a Espanha revela-se sobremaneira na Rapsódia Espanhola, uma sequência muito bem organizada de melodias e ritmos da Espanha.

Orquestra do Konzerthgebouw de Amsterdam, regente Bernard Haitink.

páginas 31, 32, 33 e 34 em branco.

Ravel não foi, ao que parece, um pianista muito bom, mas conhece perfeitamente a natureza do instrumento, que ele libera das névoas Impressionista para fazer dele uma espécie de moderna consequência da cor e do espírito dos grandes cravistas franceses do século XVIII, aqueles que já haviam fascinado Debussy mas que Ravel encontra maior lucidez e precisão. Disso é maravilhoso exemplo o Concerto em Sol para Piano e orquestra, em que parece reviver o timbre e a clareza do antigo cravo no primeiro e terceiro movimentos e uma íntima e comovida cantilena enunciada pela voz um pouco grave e tímida do corno inglês, retomada sucessivamente pelo piano.

Observe-se também uma curiosidade: a primeira ideia de forma Sonata do primeiro movimento é enunciada por um instrumento que pela primeira vez na história encarna a responsabilidade de uma afirmação temática: o flautim.

Música: Piano Concerto, Saint Louis Synphony Orchestra, Regente Leonard Slatkin. Duração 22'16". Solista Alicia de Laroche.

Mais um concerto escreveu Ravel para piano e orquestra, isto é, concerto para a mão

esquerda. Um grande pianista austríaco, Paul Wittgens, perdeu o braço direito combatendo na Primeira Guerra Mundial.....

Incompleto.